



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

REFLETINDO SOBRE A PESQUISA PARTICIPANTE A PARTIR DO PROJETO CANTINAS SOLIDÁRIAS (IEPS-UEFS)

Flávia Almeida Pita
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Brasil
Endereço eletrônico: fa-pita@uol.com.br

INTRODUÇÃO

As reflexões a serem apresentadas partem das experiências proporcionadas pelo *Projeto Cantinas Solidárias* (I, II, III e IV), desenvolvido pela Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária da Universidade Estadual de Feira de Santana – IEPS-UEFS. Trata-se de quatro grupos, preponderantemente femininos, todos do município de Feira de Santana, na Bahia (considerando a variação observada na história dos grupos, contabilizam-se cerca de 40 pessoas envolvidas), a que se oportunizou o trabalho coletivo nos espaços de duas cantinas do *campus* central da UEFS, transformadas em espaços pedagógicos da IEPS-UEFS. Os grupos urbanos já encerraram suas atividades nos espaços da cantina, enquanto os dois outros estão vivenciando no momento tais experiências de “incubação” (iniciadas em 2016 e em 2017, respectivamente, com duração prevista de dois anos, prorrogáveis por igual período), conduzidas na perspectiva da *pesquisa participante* pela equipe multidisciplinar da IEPS.

Neste texto, em particular, tem-se como objetivo, a partir de algumas considerações sobre a metodologia da pesquisa participante e as peculiaridades do projeto apresentado, identificar e compartilhar seus desafios, contribuindo para a reflexão coletiva sobre o fazer científico voltado diante das exigências de transformação que clama um mundo cada vez mais inadequado à vida humana e mais inóspito às classes trabalhadoras.

METODOLOGIA

Sob a perspectiva da pesquisa-participante (BRANDÃO, 1984), desenvolve-se um processo de pesquisa coletiva que assume uma forma espiral (BARBIER, 2007), sucedendo-se, repetida e coletivamente, planejamento (em reuniões ordinárias semanais e encontros extraordinários), ação (que envolve toda a equipe ou subgrupos

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



interdisciplinares de professores/as, técnicos/as e estudantes) e reflexão (onde os desafios, ganhos e resultados são postos sob a luz da teoria e também submetidos a esforços de sistematização). Entre as técnicas utilizadas estão rodas de conversas, oficinas formativas, entrevistas coletivas ou individuais, observação participante, acompanhamento sistemático do trabalho, compartilhamento de momentos externos ao trabalho, como reuniões e festejos nas comunidades originárias dos/as trabalhadores/as.

Multicausalidade, presença do fortuito, do aleatório, circularidade, fato como processo histórico, realidade como complexo de processos, práxis como elemento definidor da validade da pesquisa: são todos pressupostos que explicitam a forte influência do materialismo histórico dialético sobre pesquisa-participante, que parte da compreensão de que a sociedade “[...] não é um cristal inalterável, mas um organismo capaz de transformação e em constante processo de mudança” (MARX, 2013, p. 117):

Praticar, conhecer, praticar outra vez e conhecer de novo. Esta forma se repete em infinitos ciclos e, com cada ciclo, o conteúdo da prática e do conhecimento se eleva a um nível mais alto. Esta é a teoria materialista dialética do conhecimento [...] e da unidade do saber e do fazer (TSE-TUNG, 1937, não p.).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As relações estabelecidas pela equipe da IEPS-UEFS com os/as trabalhadores/as miram horizontes de transformação coletiva, de aprendizado, de reflexão, que são estranhas à posição que a ciência tradicionalmente reserva ao sujeito produtor do conhecimento científico. Os/as pesquisadores/as e extensionistas e os/as trabalhadores/as dos grupos propõem-se a comungar um espaço de reflexão, aprendizado, troca, construção, onde as vivências deliberadamente buscam resultados que, embora tão incertos quanto a vida mesma é incerta, estão sempre voltados para alguns princípios vetores: valorização do conhecimento independentemente de sua origem acadêmica ou popular, autonomia dos sujeitos, protagonismo político dos/as trabalhadores/as, desvelamento e combate das desigualdades e da exploração inerentes ao modo capitalista de produzir e trabalhar.

Por certo, como um caminho a ser construído, a partir de bases que desafiam o paradigma ainda dominante, a pesquisa participante enfrenta muitas dificuldades e exige uma atitude especialmente crítica e cautelosa em sua execução. Na IEPS-UEFS a



convivência respeitosa e produtiva entre saber popular e saber científico é desafio diário da equipe de pesquisadores e trabalhadores/as, em construção coletiva e *artesanal*, situação a situação, driblando-se preconceitos, relações de poder, diferenças de classe, dificuldades de comunicação.

A pesquisa participante enfrenta, em verdade, todo um contexto de tensionamento constante, como tudo que se dispõe a construir horizontes de mudança. A estrutura burocrática e disciplinar da Universidade impõe definir, por exemplo, o limite entre pesquisa e extensão, algo que é desafiado constantemente por este modo de pesquisar. O tempo dos projetos e dos processos acadêmicos é incompatível com o tempo dos sujeitos que compartilham a pesquisa, dos processos reais de luta e de formação, geralmente lentos e cheio de retrocessos. O processo exige recursos financeiros e tempo da equipe, sempre premida pelo produtivismo acadêmico e precarização das condições de trabalho docentes. Mesmo o “produto” da pesquisa participante muitas vezes é incompatível com os métodos de divulgação e avaliação científicas. Questões como “neutralidade científica” e “rigor metodológico” ainda vêm à baila com muita constância e em termos muito rígidos – pelo que o cuidado com a transparência, a explicitação das premissas, a sustentação teórica mostram-se necessários com muito mais cautela e apuro do que em outros contextos.

Importante refletir, ainda, que a contraposição entre ciência e outras formas de saber, sobretudo as populares e as produzidas no espaço rural, é de regra acompanhada do risco de uma nostalgia idealista. As formas não capitalistas de produzir e trabalhar “seduzem uma mente treinada e aperfeiçoada pelas instituições capitalistas” (TAUSSIG, 2010, p. 28), sendo constante a tendência de se atribuir, por exemplo, às experiências produtivas de povos tradicionais “o fardo de ter de satisfazer nossos alienados anseios por uma Era de Ouro perdida” (TAUSSIG, 2010, p. 28) e um imobilismo sem história que os prende ao passado. Assim, autocrítica constante e atenta deve ser exercitada, de modo a afastar a presunção de oferecer respostas prontas e formular desejos alheios.

O encontro entre a proposta metodológica assumida, apresentada em termos de teoria, e a lida com a concretude da vida para a qual se deseja olhar e compreender é, por certo, um desafio enorme. Implica uma tarefa que vem sendo costurada paulatinamente em diversas tentativas que se acumulam, sobretudo a partir do caminho proposto pelo materialismo histórico dialético para observar o concreto, a partir da práxis, como “síntese



de muitas determinações”, isto é, “unidade do diverso” (MARX, 1982, p. 14), desnudando-o como produto das lutas entre os seres humanos e de sua história e, portanto, como passível de transformação a partir dessas mesmas lutas. De lá para cá, muito se tem produzido: são exemplos a Escola de Frankfurt, os Estudos Culturais, os historiadores marxistas britânicos, a pesquisa-ação em suas várias vertentes e nomes, em especial as experiências que vêm tendo lugar na América Latina a partir da segunda metade do século XX. Em todos esses casos penso ser possível identificar em comum algo que John Holloway coloca nestes termos:

[...]quem se dedica à teoria não é um herói. Não é um Conhecedor ou uma Conhecedora. A teoria não se eleva sobre o combate, mas simplesmente, é parte da articulação de nossa existência cotidiana de luta. Não olha a sociedade de cima, mas é parte da luta cotidiana pela emancipação, golpeando as formas que negam nossa subjetividade. A teoria é prática porque é parte da prática de viver: não tem que saltar um abismo para se converter em prática (2003, p. 157).

No caso do Projeto Cantinas Solidárias, em particular, nos defrontamos com uma questão específica, que parece revelar de maneira especial os riscos que resultam do encontro entre a Universidade, e seu saber, e outros tipos de saberes – especialmente os produzidos pelas classes populares. Os grupos são selecionados e passam a dispor de um espaço gratuito para comercialização de seus produtos. Cria-se, assim, uma situação singularmente vantajosa para as trabalhadoras e trabalhadores, especialmente considerando a existência de um público consumidor que tem garantido uma fonte certa de ganhos. O risco de que a prática assuma um tom assistencialista é, portanto, muito grande. E, da mesma forma, de que, por isso, os/as trabalhadores/as adiram sem reflexão às “verdades” e opiniões da Incubadora (ou simulem a qualquer custo esta adesão), estimulem o seu dirigismo, silenciando suas discordâncias para evitar a perda da oportunidade vantajosa de trabalho.

Tal questão, embora ganhe relevo diante da peculiaridade desse Projeto, permanece central nas metodologias participativas de um modo geral. Nelas está sempre presente a possibilidade do estabelecimento de novas relações de poder, em que é grande o risco da Universidade assumir o papel de mais um dominador. E de se embevecer com



esta condição. De nos trairmos, afinal, com o conforto de acreditar que, afinal, somos o lado que melhor tem condição de reconhecer o certo e o errado, os bons e os maus caminhos, de sermos *críticos*. E, assim, mesmo de forma inconsciente, alimentarmos a dependência dos/as trabalhadores/as em relação ao nosso conhecimento e recursos, de que se tornariam meros “clientes”.

CONCLUSÕES

A prática de pesquisa desenvolvida junto aos/as companheiros/as da Incubadora está sempre a se defrontar, enfim, com os limites entre o modo como desejamos fazer pesquisa e aquele a que estamos condicionados pelas lições que aprendemos, pelos exemplos que temos, pelas imposições a que temos de nos sujeitar, por nossa própria parcela de alienação e nossa carência de atenção e reconhecimento.

O objetivo do texto será, então, compartilhar e minudenciar tais vivências, seus problemas, conquistas e desafios, refletindo, a partir de uma experiência real, acerca da pesquisa participante no âmbito das práticas de pesquisa e extensão de uma incubadora de economia popular e solidária.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa Participante; Incubação; Economia Popular e Solidária.

REFERÊNCIAS

BARBIER, René. *A Pesquisa-Ação*. Brasília: Liber, 2007.

BRANDÃO, Carlos Henrique. A participação da pesquisa no trabalho popular. In:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Repensando a Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1984, pp. 223-252.

MARX, Karl. Para a Crítica da Economia Política. Coleção Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MARX, Karl. Prefácio à 1ª Edição do Capital. In: MARX, Karl. O Capital. livro I. São Paulo: Boitempo, 2013 (versão digital).

HOLLOWAY, John. Mudar o mundo sem tomar o poder. São Paulo: Viramundo, 2003.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

TAUSSIG, Michael T. O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

TSE-TUNG, Mao. Sobre a prática: sobre a relação entre o conhecimento e a prática, entre o saber e o fazer. jul. 1937. Disponível em:
<https://www.marxists.org/portugues/mao/1937/07/pratica-ga.htm>.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO